Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

Ano V • nº 198 • Uberaba/MG • de 11 a 17 de março de 2002

UNIVERSIDADE DE UBERABA

POLUIÇÃO VISUAL E SONORA EMPORCALHAM A CIDADE

págs. 6 e 7

issuu-downloader.com

Editorial

Caminho da paz

De que maneira os meios de comunicação estão contribuindo para o desenvolvimento da comunidade, para a construçãode um mundo melhor? A comunicação é responsável pela integração entre as massas, pela formação e informação da opinião pública. É difícil imaginar um mundo sem notícia, mas é inviável também conviver com determinadas abordagens das notícias.

A todo dia somos violentados em casa pelo rádio, TV ou jornais, com notícias que chocam ao expor a realidade de uma sociedade podre em que, num discurso hipócrita, prega a paz sem, contudo, trabalhar efetivamente para que ela seja promovida na sua essência. Expor nua e cruamente - e quase que prioritáriamente - as mazelas de que são vítimas centenas de brasileiros, causa revolta ou apresenta uma solução? Acredito que a primeira hipótese é a mais certa, já que não há dados que comprovem que a cada notícia sobre violência publicada, exista uma ação em prol do combate a violência em sua raiz. É bom deixar claro que a ação das polícias não se referem ao combate e sim à repressão aos atos de violência.

A violência não se manifesta somente nas ações de criminalidade. Ela se manifesta em várias áreas. Poluir é uma violência à natureza; não dar ao problema das drogas o devido valor e a discussão exata, gera violência. Negligenciar o diálogo dentro do lar e a educação dos filhos, empurrando-os para o mundo ou para frente de uma televisão, também são fatores que causam a violência.

É preciso uma reflexão dentro de cada um para que possamos ter a dimensão exata da nossa importância dentro da sociedade e como ou de que forma podemos promover as mudanças em busca da paz. Podemos selecionar o que ler, o que ouvir e o que assistir. Podemos em conjunto com a nossa comunidade criar opções de atividades culturais, de entretenimento e até espaços apra discussões mais politizadas. Podemos melhorar o que está errado e para isto basta querer. Tadeu Luciano quis e está conseguindo. O Revelação quer e está buscando o caminho.

OMBUDSMAN

Valorizar o que é nosso

Newton Luís Mamede

Ainda sob a inspiração do conceito máximo obtido por quatro cursos da Universidade de Uberaba, no Exame Nacional de Cursos de 2001, voltamos a insistir na necessidade do reconhecimento e da divulgação dos valores de nossa Instituição, os quais constituem, também, valores de toda a comunidade uberabense.

É Uberaba que possui uma Universidade que oferece trinta cursos superiores, ou mais, a estudantes da vasta área de abrangência do Brasil Central e, ainda, de outras regiões de nosso vasto "chão brasileiro". A Universidade de Uberaba é reconhecida e respeitada por sua tradição de qualidade e por ser um marco histórico no desenvolvimento de nossa cidade e região. Não pode ser ignorada nem "abafada" a façanha de existir há mais de meio século – cinqüenta e quatro anos, precisamente. Não pode ser ignorado o fato de ter sido a pioneira, a semente da criação de outras instituições de ensino superior em nossa cidade. Não pode ser ignorado o importante feito de ter promovido profunda metamorfose socioeconômica em Uberaba, elevando-a ao *status* de cidade universitára – cidade que era conhecida, antes, apenas por suas atividades agropecuárias.

A Universidade de Uberaba procura, sempre, atualizar-se e crescer, estar em dia com as inovações e evoluções que a modernidade promove e exige. Cursos antigos e cursos novos estão aqui, à disposição dos estudantes que almejam promoção humana por meio de qualificação superior, universitária. Cursos tradicionais e cursos modernos, todos adequados ao atual momento histórico de nossa sociedade e que atendem à demanda do atual mercado de trabalho. Cursos inseridos na atual realidade brasileira. Cursos de reconhecido valor, procurados por estudantes de várias regiões do País. Por estudantes que acreditam em nossa Universidade. É preciso que os uberabenses tenham consciência disso. A Universidade de Uberaba é *coisa nossa*.

O reconhecimento desses valores é um dever de cidadão, um ato de civismo. Dever de promoção e divulgação de um trabalho responsável e sério. A valorização do próprio trabalho, muito mais do que um ato de propaganda e de *marketing*, é uma atitude de coerência e de respeito, de inteligência e de honestidade. Como dissemos anteriormente, ninguém é perfeito. E reconhecer isso é, também, manifestação de honestidade. Daí, a preocupação de estar sempre atento ao que se faz, com vistas ao aperfeiçoamento e ao sucesso.

A valorização do próprio trabalho, muito mais do que um ato de propaganda e de *marketing*, é uma atitude de coerência e de respeito, de inteligência e de honestidade

Reconhecer e divulgar o valor e a importância da Universidade de Uberaba é um ato justo de acreditar no próprio trabalho, sem desmerecer o dos outros. É um ato nobre e digno de promover a nossa cidade e de elevar o seu nome, de vê-la crescer e ser respeitada. É um ato e um dever de todos os habitantes de Uberaba. É um ato de bairrismo. De valorizar o que é nosso.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social ••• Supervisão de Edição: Celi Camargo (celi.camargo@uniube.br) ••• Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) ••• Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) ••• Coordenadora da habilitação em Jornalismo: Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) ••• Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle ••• Professores Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) ••• Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva ••• Distribuição: Assessoria de Imprensa ••• Reitor: Marcelo Palmério ••• Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede (ombudsman@uniube.br) ••• Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar ••• Impressão: Jornal da Manhã Internet: http://www.revelacaoonline.uniube.br ••• Contatos: Universidade de Uberaba - Depto. de Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino 1801 - Bairro Universitário - Uberaba/MG - CEP 38.055-500

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

issuu-downloader.com

Dependência química: Do discurso à realidade

Claudinei Honorio
7° período de Jornalismo

A Casa Dia, uma instituição que visa auxiliar dependentes químicos, é dirigida por Tadeu Luciano Pereira, ex-usuário de drogas. A entidade se tornou órgão de utilidade pública municipal, estadual e federal ligada à Secretaria Nacional Anti-drogas, sendo reconhecida como uma instituição filantrópica pelo Conselho Nacional de Assistência Social.

Mas apesar de todos os títulos conquistados, a Casa vem passando por dificuldades, pois a única subvenção que a instituição recebe está atrasada. Desde o aluguel do imóvel até as contas de água, luz e telefone estão pendentes. Já a alimentação não tem faltado, pois movimentos populares contribuem com doações.

A seriedade do trabalho desempenhado pela instituição atravessou os limites de Uberaba. O presidente da instituição recebeu um convite para instalar a Casa em Uberlândia, mas não aceitou. "Eu sou uma pessoa que devo uma reparação a Uberaba porque, aqui, eu fui traficante e usuário, fiz mal a muita gente. Para mim, esta é uma forma de fazer uma reparação social e, ao mesmo tempo, é um novo vício, já que eu não consigo ficar sem ajudar um dependente químico quando ele vem pedir ajuda".

As mais consumidas

Tadeu Luciano Pereira faz uma análise das drogas mais usadas pelos jovens de Uberaba, entre as quais se destacam: o álcool, o tabaco, cocaína e maconha sendo estas duas últimas as mais consumidas. "Quem tem predisposição para o uso das drogas vai começar com cerveja, cigarro, passar para maconha e em seguida cocaína", afirma Tadeu.

Nos últimos quatro anos, 32 universitários passaram pela Casa Dia. Deste total, quatro recaíram ao uso das drogas. Hoje a instituição trata de um professor de Biologia e um estudante da área de saúde da Universidade de Uberaba. Ambos preferiram manter as identidas em sigilo. O acadêmico, de 22 anos, contou quee começou a usar drogas aos 17 anos e há quase dois meses deixou as drogas. Já o professor, 28 anos, usou pela primeira vez aos 19 anos e está há uma semana em tratamento.

Entre as drogas usadas por eles estão a maconha, cocaína, LSD, crack, lança-perfume, alucinógenos, bebidas e cola-de-sapateiro. O estudante afirma: "eu só assistia à aula drogado". Já o professor confessou que ministrou aulas drogado quando trabalhava com alfabetização de adultos, no interior de São Paulo.

Os dois jovens caminham para libertarem-se das drogas e deixam um recado, "toda pessoa deveria procurar uma ajuda, a vida sem as drogas é bem diferente e melhor".

Pelo seu trabalho o presidente da Casa Dia recebeu a medalha de cidadão uberabense, concedida pelos vereadores da cidade."No primeiro momento eu não achei que merecia, mas depois me saí bem, sem deixar que o título subisse à minha cabeça". Tadeu finaliza dizendo que não se considera uma pessoa boa, mas hoje conseguiu ser um pouco melhor do que era antes.

Ex-usuário dá a volta por cima

Claudinei Honorio
7° período de jornalismo

Tadeu Luciano Pereira foi dependente químico durante 21 anos

Tadeu Luciano Pereira, 38, fundador da Casa Dia, foi dependente químico durante 21 anos. Para quem acredita que a dependência está ligada a fatores sociais, atingindo os mais excluídos, o presidente da Casa Dia é a prova inconteste de que este pensamento é furado e preconceituoso. Ele nasceu em berço de ouro, teve uma infância saudável, e como em toda tradicional família católica ele fez a primeira comunhão cumprindo assim, um dos sete Sacramentos.

Tadeu era uma criança calma e a tranqüilidade só desaparecia para dar espaço às birras de menino mimado. "Se não conseguisse aquilo que queria, dava verdadeiros escândalos". As atenções dos pais eram divididas entre os seis irmãos e uma irmã. "Desde cedo eu sabia que era diferente de todos na minha casa. Para mim a vida era um risco, eu não tinha medo de nada nem de ninguém".

A primeira vez

Aos 12 anos Tadeu foi pego pelos pais fumando um *baseado* (cigarro de maconha) no quarto. "Eu os enganei ou eles fingiram que foram enganados", conta. Dos doze aos quinze anos, sua vida se transformou em uma grande descoberta. Começou a sentir algumas sensações estranhas. Como todos os seus amigos e amigas usavam drogas, teve a primeira relação sexual muito cedo. "Não tínhamos vergonha depois que fumávamos ou cheirávamos algum tipo de droga. Ficávamos todos juntos, homens e mulheres, não importando quem estava com quem".

Foi no contato com este mundo que Tadeu Luciano além de mergulhar cada vez mais no vício, contraiu também o virus HIV. Milagrosamente, ele se viu livre da doença, assim como se livrou das drogas. "Dou graças a Deus de ter saído deste mundo, mas luto diariamente para não voltar, pois tentações não faltam"

As perdas

Tadeu usou todos os tipos de drogas. Antes mesmo do crack existir, ele e vários amigos já o fabricavam. A época em que mais usou drogas foi no período universitário. Fazia pedagogia, mas passou por vários cursos da antiga FIUBE. Tadeu diz que não tinha amigos e sim companheiros de ativa. Destes, muitos morreram, outros permanecem usando e alguns estão sóbrios. "Hoje, acredito que cerca de 50% dos alunos sejam fazem uso todos os dias", especula. Para ele, uma maneira de diminuir este índice seria as faculdades montarem grupos de apoio dentro do próprio Campus.

Apesar de ser usuário, Tadeu não parou de estudar. Quando estava concluindo seu mestrado em História na Universidade Federal de Pernambuco, foi parar em um manicômio. Nesta época, perdeu a guarda do filho e recebeu o diagnóstico de que era psicótico maníaco depressivo e esquizofrênico. Trancou a matrícula e foi internado em Recife. Toda essa experiência sofreu aos 29 anos.

Nesta época ligou para Uberaba pedindo apoio. Já faziam 12 anos que ele estava fora da cidade. Seus pais o abrigaram no sanatório espírita, onde permaneceu por 36 dias via SUS (Sistema Único de Saúde), como paciente psiquiátrico. Tadeu diz que no fundo era "doidão", mas não na concepção de loucura. "Acho um absurdo, em pleno século XXI colocar drogado em sanatório". Nesta época, resolveu criar a Casa Dia, ou seja, foi o idealizador e criador da sua própria internação.

Vitórias

Tadeu conseguiu realizar um grande sonho. Hoje, com 38 anos, desenvolveu um programa que se chama Antologia dos 12 passos. Um livro que conta em 12 etapas como um usuário pode vir a deixar o mundo das drogas. "Para mim, essa foi uma de minhas maiores vitórias".

Ele se considera um vencedor, pois abandonou as drogas, tem uma vida saudável. Está no seu segundo casamento, recuperou a guarda do filho que tem 12 anos. Ele não culpa ninguém por ter se tornado um viciado em drogas. Para quem pretende fazer o uso de drogas ou está usando, Tadeu deixa um slogan: "Se você quer usar, o problema é seu, se você quer parar, o problema é nosso, basta procurar a Casa Dia", conclui.

issuu-downloader.com

Comunicação

Apresentação de estudantes mostra força da argumentação

Exercício estimulou busca de soluções criativas para tornar a mensagem convincente

André Azevedo
1º período de Jornalismo

Alunos do 1º período do Curso de Comunicação Social, orientados pela professora Janete Tranqüila, realizaram um exercício de argumentação que estimulou a criatividade e colocou em cheque a "lábia" de cada um. O desafio era escrever um texto condenando ou defendendo o uso de cigarros, mas sem que fossem utilizadas as palavras "fumar - cigarro - nicotina - hálito - prazer - acender - maço - tragada - sabor". O que estava em jogo não era, necessariamente, a opinião pessoal. Um não-fumante poderia, se quisesse, escrever um texto defendendo o uso de cigarros. Um dos objetivos do trabalho foi demonstrar o poder de convencimento de uma boa argumentação, independente das convicções de cada um. Essa descoberta serviu para aguçar o espírito crítico diante do charme aparentemente neutro da propaganda. Além disso, foi demonstrado, na prática, que é possível fazer acrobacias no vocabulário para evitar o uso de certos termos, sem comprometer a eficiência da mensagem.

A maioria esmagadora preferiu condenar o cigarro – inclusive os fumantes. Muitos trabalhos ofereceram soluções criativas para o desafio, outros caíram no lugar-comum das tradicionais campanhas antitabagistas. A professora Janete selecionou dois textos, um contra e outro a favor, que se destacaram na apresentação. São os seguintes:

Contra

Receita para mudar de vida

Geiza Lima
1º período de Jornalismo

André Azevedo

Inicialmente, pegue tudo que emporcalhe o ar e coloque no lixo. Na sua cabeça, ponha uma pitada de bom-senso com uma porção de coragem e só um pouquinho de inteligência é suficiente. Mexa até o ponto de reflexão e adicione um pouco de força de vontade. Em seguida, quebre o estresse rotineiro numa vasilha e deixe descansar o seu organismo. No liquidificador bata palmas pela bela atitude e, para a cobertura, substitua aquele fumaceiro por ar puro.

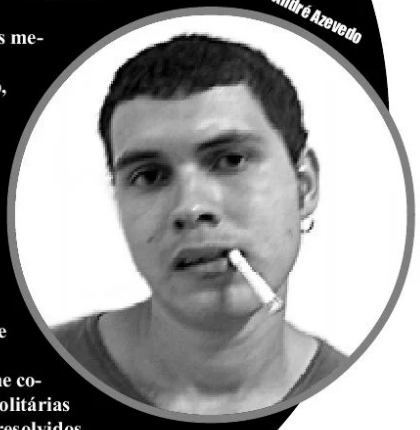
Quando estiver pronto, você vai começar a sentir um aroma irresistível por toda a casa.

E para provar que você realmente mudou depois desta "dica culinária", aprove esta frase: 'De Maria Fumaça, basta aquela geringonça lá do interior!"

A favor

Meu único amigo

Antônio Marcos Ferreira Filho
1º período de Jornalismo


André Azevedo

Quando estive sozinho, foi em ti primeiramente que pensei.

Você me apoiou na minha vida, nos melhores e piores momentos.

Você nunca me abandonou; então, por que iria te abandonar, se os minutos que gastei contigo serviram para aliviar uma noite de dor ou solidão?

Como posso te abandonar se a fumaça que entra e invade meu peito leva toda a dor e angústia que aqui queima?

Oh meu amigo, me desculpe se um dia pensei em te abandonar, pois dos amigos que tive, você foi, nas noites de solidão, a quem fui apelar.

Pois os onze minutos de vida que me cobraste compensaram todas as noites solitárias e maldormidas, todos os amores mal resolvidos.

Então, para todos que não tragam, não me respondam com propagandas e campanhas. Só peço que, nas noites frias e solitárias, venham me fazer companhia.

issuu-downloader.com

Celebração

Universitários devem ser sempre ousados

Monsenhor Juvenal celebra missa convidando estudantes à busca de novos horizontes

André Azevedo
1º período de Jornalismo

No dia 3 de março foi celebrada, na capela do Hospital São Domingos, a Missa dos Universitários, tradicional na cidade há 49 anos. O culto sempre teve um caráter combativo e aberto à discussões sobre questões relacionadas à vida universitária. Monsenhor Juvenal Arduíni conta que nunca deixou de celebrá-la, sobretudo durante o regime militar, quando era muito vigiado. Neste período elas eram clandestinas e realizadas em outra igreja. Atualmente, a Missa dos Universitários é rezada todo mês.

Monsenhor Juvenal é querido pela comunidade por causa de suas pregações religiosas, e respeitado pela academia por seu perfil intelectual. Lecionou Sociologia e Filosofia em faculdades durante muitos anos e afirma que sua vida sempre foi muito ligada aos universitários. "Tenho por eles um respeito muito profundo, permanente, obstinado", diz.

Estudantes têm discernimento para deixar de lado devoções ultrapassadas, enxergar mais longe e colocar o conhecimento à favor da comunidade

O tema escolhido para o sermão foi "Universidade, Novos Horizontes". A celebração foi iniciada com uma parábola bíblica em que Jesus expressa sua rebeldia com relação a uma antiga lei religiosa que não permitia o trabalho aos sábados. Provocado por fariseus que queriam pegá-lo em contradição e acusá-lo, Jesus não deixou de curar um homem nesse dia. "É lícito no sábado fazer o bem, ou fazer o mal? salvar a vida, ou matar?", perguntou indignado. Em outra ocasião, chamou de hipócritas os sacerdotes que o condenavam por pregar neste dia.

Monsenhor Juvenal argumentou que universitários são jovens esclarecidos e, como Jesus, têm discernimento para deixar de lado devoções ultrapassadas, enxergar mais longe e colocar o conhecimento a favor da comunidade. Para ele, a vivência acadêmica é fundamental para o estudante ampliar os horizontes e buscar uma nova realidade, um novo mundo. Lembrou que a sociedade espera a contribuição dos universitários, pois estudantes são pessoas cultas e instruídas que conhecem maneiras de melhorar o mundo. Entretanto, não basta *optar* pelo bem, mas *fazer* o bem. "Existe algum horizonte da ciência que pode resolver os problemas da sociedade, ou não?, desafiou.

Outra questão abordada foi o espírito de realização pessoal que os estudantes esperam de suas futuras profissões. "Qual é o compromisso? Estão de fato encontrando o que buscam, com personalidade, criatividade, ou estão se tornando pessoas fechadas e narcisistas?", perguntou. Para Monsenhor Juvenal, a ética não deve ser projetada apenas na experiência profissional, mas em todas as dimensões da vida. Segundo ele, a universidade não precisa ser oficialmente cristã, mas os universitários podem ser "cristãos conscientes, alegres, decididos, sempre ousados para caminhar e ajudar a humanidade a andar, vencendo a servidão do mundo".

Luz

Uma das canções que faziam parte da celebração dizia que "a palavra é lâmpada para os pés e luz para o caminho". A ligação metafórica entre luz e conhecimento é um conceito antigo que remete aos gregos. Platão já havia feito a analogia no mito da caverna, um lugar de trevas que simbolizaria a ignorância, onde um habitante buscaria a luz para finalmente enxergar, alcançar a sabedoria e – por que não? – novos horizontes. A luz permitiria o conhecimento e traria a inquietação de buscar o que ainda deve ser concretizado. Para o culto cristão, evidentemente, a luz é a própria palavra divina. Uma canção dizia que "Deus criou o infinito para a vida ser sempre mais. (...) O espírito é vento incessante que nada há de prender. Ele sopra até no absurdo que a gente não quer ver." Como se vê, o tema Novos Horizontes é audacioso, e audácia, coragem e lucidez foram palavras constantemente enfatizadas por Monsenhor Juvenal.

André Azevedo

O tema "Universidade, Novos Horizontes" é audacioso, e audácia, coragem e lucidez foram palavras constantemente enfatizadas no culto. Estudantes acompanhados dos pais e amigos lotaram a capela

Todo o repertório da missa trazia esse espírito combativo. Uma canção dizia "Eu te ofereço o que vi de belo no interior dos corações: a coragem de me transformar". O refrão de outra dizia: Comungar é tornar-se um perigo, viemos para incomodar". Uma música popular cantada no final do culto dizia que "não adianta fugir nem fingir pra si mesmo".

Os universitários estão de fato encontrando o que buscam, com personalidade, criatividade, ou estão se tornando pessoas fechadas e narcisistas?"

Em certo momento, Monsenhor Juvenal insistiu com os estudantes para participarem do sermão com suas opiniões. "Vocês trazem uma contribuição para que a missa não seja uma coisa fria. Podem falar com enorme liberdade. Eu sempre falo aos adultos que os jovens têm sabedoria. Como estão os Diretórios Acadêmicos? Há efervecência? A universidade ajuda a construir uma sabedora para ter uma posição firme com Deus? perguntou.

A primeira Universitária que se levantou disse que percebe a falta de interesse dos próprios estudantes na organização dos D.A.s. "Poucos se engajam; a acomodação está muito impregnada", afirmou. Além disso, desabafou que a trapaça no mercado de trabalho é grande. "Não podemos fazer as pessoas de degrau", concluiu. Outro estudante disse que toda a profissão tem sua função social. "O que falta é harmonizar o lado profissional com a finalidade que Cristo mostrou", lembrou. Mais um universitário se levantou e disse que a faculdade não é apenas um local para adquirir conhecimentos científicos, mas para conhecer pessoas diferentes. "Devemos contribuir com a sociedade e transformá-la; e não ficar só pensando em dinheiro e status", disse. Uma caloura do curso de Odontologia pediu aos colegas que não vissem esse período apenas como uma festa. Outro afirmou que a universidade deve ter o compromisso de formar não apenas o profissional, mas o cidadão. Monsenhor Juvenal levantou a questão da decadência do ensino público. "Não significa que somos contra a universidade particular, mas parece que o governo está interessado que a universidade pública morra. Há um abandono irresponsável e cruel. Temos que lutar", conclamou.

Nos momentos finais, a universitária Patrícia Lírio declamou o poema Canto do Negro, de José Régio, que dizia "só vou por onde me lavam meus próprios passos". Liturgia completa, eucaristia realizada, Paz de Cristo e tudo mais, Monsenhor Juvenal despediu-se reafirmando seu respeito fraterno pelos universitários, e convidando a todos que "façam seus cursos com uma perspectiva aberta, audaciosa, sem recuo ou medo aos desafios".

issuu-downloader.com

Poluição visual:
mais grave do que se pensa

Cartazes velhos emporcalham as paredes deste prédio no centro da cidade

Problema é relegado a segundo plano porque suas consequências são mais psicológicas que materiais

fotos: Wagner Ghizzoni Júnior

Wagner Ghizzoni Júnior
5º período de Jornalismo

Quando falamos em poluição, logo nos vem a mente as fábricas jogando esgoto nos rios, os carros enfumaçando o ar e as plantações cheias de agrotóxicos. Quase ninguém se recorda de dois tipos de poluição que causam graves males à saúde: a poluição sonora e a poluição visual. O técnico-químico e biólogo Walter Ambrósio da Silva, chefe da seção de Fiscalização do Meio Ambiente da Seplam (Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente), define esses dois tipos de poluição como tudo aquilo que agride a nossa sensibilidade, influenciando nossa mente, sobrepondo o psicológico sobre o físico.

Este tipo de poluição é a que menos recebe atenção por parte do governo e das pessoas em geral. Em Uberaba, a Seplam tem atitudes não muito diferentes do restante do mundo. O problema preocupa, mas é relegado a segundo plano, talvez por que suas consequências são mais psicológicas do que materiais.

O técnico-químico explica que não há uma regulamentação sobre poluição visual, algo como, por exemplo, a quantidade máxima de out-doors num determinado espaço. "Já existe uma legislação nova do Meio Ambiente nesse sentido, mas nada regulamentado, as dificuldades são muitas porque se dá mais atenção às demais poluições", conta ele.

São tantas placas no mesmo espaço que dificulta a percepção das mensagens

Mesmo assim a Seplam de Uberaba toma diversas providências para reduzir esse problema. Um dos pontos que vem sendo combatido é o dos entulhos nos terrenos baldios. "Os restos de materiais de construção são jogados, indiscri-minadamente, na entrada da cidade, ou mesmo no centro. Aquilo além de um impacto visual tremendo, traz outros malefícios, como roedores e insetos", explica Walter Silva. Para minimizar este problema a Seplam em conjunto com a Secretaria de Obras, está fazendo um mapeamento nos pontos mais críticos para, posteriormente, aplicar multas nos responsáveis pela sujeira. Se a responsabilidade for de empresas de caçambas de entulho, elas poderão perder a concessão do serviço. O entulho recolhido pela prefeitura em terrenos baldios é reciclado e retorna como novos materiais de construção utilizados pela administração ou distribuídos para a comunidade

.

A poluição visual está presente em todos os lugares. Mesmo quem quer só saber a temperatura tem que ver um anúncio

Walter Ambrósio da Silva, chefe da seção de Fiscalização do Meio Ambiente da Seplam, define esses dois tipos de poluição como tudo aquilo que agride a nossa sensibilidade

Out-doors

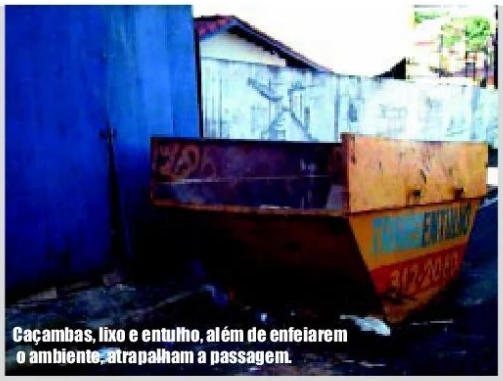
Em relação aos out-doors, Walter Silva explica que tem que se olhar não só a quantidade e a disposição deles (geralmente amontoados em um só ponto), mas a mensagem. Ele recorda um caso ocorrido em São Paulo, em que um anúncio de certa marca de calcinhas provocou um acidente de trânsito. "O motorista prestou mais atenção nos atributos físicos da modelo do que no tráfego e não deu outra, bateu", conta. "Estes anúncios mais apelativos têm que ficar em locais mais discretos para não distrair os motoristas", recomenda. "Para isto ocorrer desta foma a iniciativa não depende só do órgão de defesa do meio ambiente, mas também de uma atitude da engenharia de trânsito", defende.

Além da mensagem, outros pontos merecem atenção especial. Walter Silva adverte para a parte cromática dos out-doors. Cores berrantes que agridem, causando um impacto visual que não faz bem, devem ser evitadas. Mas por que não uma posição mais firme em relação à tantas propagandas? De acordo com chefe de Fiscalização, isso tem que começar dos grandes. "Há um envolvimento econômico muito grande. Cidades como Nova York, México, São Paulo, têm grande arrecadação dos anunciantes. Como tirar um luminoso da Sony, da Nike? Se fosse dos doces Zebu seria fácil", compara. "Mesmo assim,

Lixo em terrenos baldios traz roedores e insetos

issuu-downloader.com

Estes anunciantes capricharam nas cores berrantes


Caçambas, lixo e entulho, além de enfeiarem o ambiente, atrapalham a passagem.

Entulho recolhido pela prefeitura é reciclado e retorna como novos materiais de construção

grandes cidades estão ficando mais conscientes, em países como Suécia, Bélgica. Em Paris, na França, as propagandas ficam em determinado um ponto. No Arco do Triunfo, as pessoas podem ver apenas o Arco do Triunfo", encerra Walter.

O barulho mora ao lado

Mais fácil de se produzir, em relação a poluição visual, mas com efeitos que podem ser mais devastadores, está a poluição sonora. Além da surdez causada pela exposição excessiva à ruídos altos, ela causa também irritação, cansaço, úlcera, insônia e até alterações no sangue, na urina e aumento no colesterol.

O chefe da Seção de Fiscalização, Preservação e Conservação Ambiental da Secretaria Municipal de Planejamento e de Meio Ambiente de Uberaba, Walter Ambrósio da Silva, explica que poluição sonora é qualquer som que cause perturbação ao sossego público ou produza efeitos fisiológicos e psicológicos negativos no ser humano. "Não é só uma boate que produz poluição sonora. Aquela velha chata falando sem parar, fazendo você perder a concentração e diminuindo sua produção, é uma poluidora", exemplifica.

Uma pessoa exposta a um barulho intenso por mais de meia hora tem uma perda temporária de uma parte da audição. Se ficar muito tempo num lugar barulhento, a audição pode ser afetada para sempre.

Medindo o ruído

O nível de ruído de um lugar é medido em *decibéis*. O sistema decibel é uma escala logarítmica. Dez decibéis produzem 10 vezes mais energia que um decibel. Vinte decibéis produzem 100 vezes mais energia, 30 decibéis 1000 vezes mais e assim por diante. Neste sistema entende-se que um ruído de 0 a 60 decibéis é aceitável, de 60 a 100 provoca um incômodo e acima de 100 é prejudicial.

As fábricas e indústrias estão entre os lugares mais barulhentos. Não é permitida a exposição a níveis de ruído acima de 115 decibéis para indivíduos que não estejam adequadamente protegidos por protetores auriculares. Existem leis que determinam o máximo de tempo que um trabalhador pode ficar em lugares com muito ruído. A jornada de trabalho de uma telefonista, por exemplo, é de seis horas diárias.

De acordo com Walter Ambrósio da Silva, pelo menos as fábricas dos Distritos Industriais de Uberaba não têm este problema. "As indústrias daqui têm uma consciência ecológica e algumas têm equipes para preservar o meio-ambiente em geral". Ele ressalta, no entanto, que a secretaria não dispõe de dados sobre os índices de poluição sonora na cidade.

Reclamações

As denúncias sobre excesso de barulho podem ser feitas para a Seplam sem que o denunciante necessite se identificar. Quando a Secretaria de Meio Ambiente recebe uma reclamação neste sentido, uma equipe vai até o local medir o nível de ruído com um *decibilímetro*. A Associação Brasileira de Normas Técnicas, ABNT, exige que a medição seja feita no local que produz o ruído e no lugar afetado. Num lar, o nível de ruído deve ser menor que 45 decibéis nos dormitórios e no máximo 60 no restante da casa.

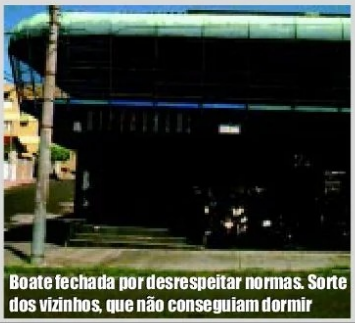
Se constatado que o ruído realmente é acima do permitido, o infrator deve tomar as providências cabíveis. "Nossa primeira medida é conversar amigavelmente e dar um prazo para a normalização. A pessoa assina um Termo de Compromisso Ambiental. Se voltarmos ao local e ver que o problema ainda não foi solucionado, mas a pessoa está com boa vontade, então damos um novo prazo. Agora, se o sujeito estiver sem vontade de consertar o erro, entregamos tudo pra justiça, que interdita o lugar," conta Walter Silva.

Em Uberaba foram poucos os casos de fechamento de estabelecimentos devido a poluição sonora. A Boate Hippodrome, no Bairro Boa Vista, foi um dos casos. "O dono não tinha o dinheiro para deixar tudo normal. Normalmente as pessoas tomam as devidas providências. Já um buffet gastou 140 mil reais para deixar tudo dentro dos conformes", exemplifica.

Walter lembra que a preocupação da Secretaria de Meio Ambiente é apenas com a poluição, e não com os trabalhadores. "Se uma fábrica produz muito barulho e os empregados não tem protetor auricular, não é problema nosso. Pode deixar o trabalhador surdo, o vizinho não", explica bem-humorado.

Recursos contra o ruído

Uma das formas de evitar o ruído nas cidades é conservar e ampliar as áreas verdes, que isolam o som. Os aeroportos devem ser longes dos locais populosos. Quanto ao barulho em um local específico, já existem muitos meios de isolar esse problema invisível. Proteções acústicas em caixas de som ou outros produtores de ruídos, amortecedores mecânicos para evitar a vibração – como no caso dos compressores da pista fria –, fibras de carbono, amortecedores de cortiça – para ambientes pequenos como escritórios – e até improvisação. As serralherias, por exemplo, podem revestir as paredes com cartelas de ovo para quebrar as ondas do som. "Há também métodos simples, como o direcionamento das caixas de som. Uma deve apontar pra outra para haver uma confluência dos sons e diminuir o impacto," ensina Walter.


Boate fechada por desrespeitar normas. Sorte dos vizinhos, que não conseguiam dormir

VOCE SABIA?

- A cidade mais barulhenta do mundo é Rio de Janeiro, com uma média de 85 decibéis. A voz humana normal tem mais ou menos 60 decibéis. Uma britadeira ou um ônibus produz 100 decibéis.
- A resolução 448/71 do Conselho Nacional de Trânsito determina o nível máximo de 84 decibéis para veículos de passeio e motos, e de 89 decibéis para veículos de carga, ônibus e máquinas de tração agrícula. Os ruídos de buzinas e aparelhos similares em vias urbanas devem atingir o nível máximo de 104 decibéis.

Um dos pontos que vem sendo combatido é o dos entulhos nos terrenos baldios

Em Uberaba foram poucos os casos de fechamento de estabelecimentos devido a poluição sonora. A Boate Hippodrome, no Bairro Boa Vista, foi um dos casos

issuu-downloader.com

fotos: arquivo da família

Ana Gabriela, um exemplo de vida

Belela, 13 anos, deposita em Deus a vitória sobre o câncer depois de quatro anos de tratamento

Claudinei Honório
7° período de jornalismo

Nascida no dia 13 de fevereiro de 1989, a aquariana, Ana Gabriela, a segunda filha do casal Ana Claudia e Pedro Zandonaide sempre se interessou por tudo. Belela, como se apresenta, era a menina perfeita. Mas o destino preparava uma grande provação para a família Zandonaide.

Quando Belela tinha oito anos de idade, sua mãe notou que o desenvolvimento da filha estava um pouco atrasado em relação aos outros filhos. "Minha filha que sempre foi uma criança muito esperta, falante e brincalhona, estava mais quieta, triste e sempre com dores de cabeça. Ela estava perdendo muito peso e toda a animação que sempre teve", recorda Claúdia.

A cada dia que passava estava em um médico diferente. Os remédios que a menina tomava não aliviavam as dores. O primeiro diagnostico de Belela, foi que estava com sinusite. A rotina dos médicos recomeçou, até que um dia ela começou a perder sangue pelo nariz. "Era um dia de muito calor e meus colegas e eu fomos passar o dia em uma chácara. A gente estava brincando na piscina, desci no escorregador e meu colega falou que meu nariz estava sangrando. Na hora eu pensei que era brincadeira", conta. O nariz da menina não parou de sangrar. Foi quando seus pais resolveram levá-la novamente ao hospital. O médico disse que era normal, devido ao calor e os exercícios no sol. Mas o sangramento no nariz continuou.

> **"Eu pensava: será o que está acontecendo? Estou doente mas não vou morrer, por que todo mundo está chorando?"**

As idas ao médico se intensificaram e logo em seguida o nariz tampou-se: não passava um fio de ar e a menina só podia respirar pela boca. Mas o diagnóstico só confirmou sinusite. Foi quando o médico Luiz Gonzaga fez o raio X e percebeu que não podia ser só isso. Alguns dias se passaram e o médico ligou para saber como Belela estava. Cláudia contou que nada tinha mudado. Foi quando ele resolveu fazer uma tomografia.

No dia 20 de dezembro 1997, o exame foi feito e o resultado encaminhado para o Otorrino, que colheu material e enviou para a biópsia. "No dia 22 do mesmo mês a gente já teve o resultado, indicando que ela estava com um tumor. Neste mesmo dia fomos encaminhados para o Hospital do Câncer em São Paulo, porque aqui em Uberaba não tinha oncologia pediátrica", conta a mãe.

No dia 28 de dezembro, mãe e filha foram de mudança para São Paulo, pois o tratamento duraria no mínimo 52 semanas. "Nos mudamos para São Paulo. Meu marido ficou aqui em Uberaba com nossos outros três filhos. Mas todo final de semana ele estava lá, as crianças iam de quinze em quinze dias", relata Ana Cláudia.

No dia 31 de dezembro Belela recebeu a primeira sessão de quimioterapia. O tumor estava localizado na rinofaringe bem atras da adenóide. Um tumor maligno que responde bem a quimioterapia e a rádio terapia. A vida de mãe e filha se resumiu no Hospital. Lá Passaram o ano novo e o aniversário da menina. "A festa foi feita pelos Doutores da Alegria. Mesmo sendo um quadro muito complicado e triste nós também soubemos tirar alegria daquilo que estava acontecendo", relata a mãe.

Festa de aniversário foi feita no hospital pelos "Doutores da Alegria"

issuu-downloader.com

A viagem para São Paulo

"Quando cheguei em São Paulo não sabia que tinha câncer, achei estranho apenas um monte de gente, um pouco antes de sairmos de Uberaba, vir se despedir e todo mundo chorando. Eu pensava: será o que está acontecendo? Estou doente mais não vou morrer, por que todo mundo está chorando? Quando chegamos lá, eu continuei sem saber para que era aquele hospital, eu sabia que tinha alguma coisa dentro de mim e que tinha que tirar só não sabia o que era", conta Belela.

A primeira sessão de quimioterapia deixou a menina desesperada. "Era uma sensação muito ruim, sem falar no gosto que é inexplicável. Hoje, depois que tomei a quimioterapia, todos os gostos que sentia antes mudaram, tudo tem outro gosto", afirma Belela. Neste tipo de tratamento, o paciente não pode ter nenhum tipo de infeção, seja ela a mais simples. Com o sistema imunológico fraco, a pessoa fica deprimida. Nessas horas o apoio tem que ser total. "Um dia a unha dela encravou um pouquinho, isso já foi motivo para quatorze dias de internação. Nesses momentos temos que dar risada, rir da careca, porque ficar careca é o de menos no tratamento", relembra a mãe.

Belela lembra da perda dos cabelos. "Meu cabelo era lindo, tive até que cortá-lo bem curto. Quinze dias depois que comecei as sessões de quimioterapia, só tinha alguns fios de cabelo. Eu brincava com esses fios, tinham três de cada lado, colocava lacinho neles. Passei a ser conhecida como a menina do lacinho e do batom, pois não deixava de me arrumar", recorda Belela.

A garota passou a ser conhecida como "a menina do lacinho e do batom", pois não deixava de se arrumar

Hoje Belela participa de campanhas, e sempre que pode faz visitas a pessoas doentes, mostrando que todos devem ser fortes

Força de vontade

Ana Cláudia percebeu que a doença da filha poderia servir de exemplo para outras pessoas. Hoje Belela participa de campanhas, sempre que pode faz visitas a pessoas doentes mostrando que todos devem ser fortes. "Pois quem luta sempre consegue e se você acreditar em Deus ele não vai te esquecer", afirma Belela

Ana Cláudia conta que percebeu que as pessoas precisam ter força de vontade e querer sempre vencer. Belela é um exemplo disso, pois mesmo passando por tudo, ainda frequentava a escola. Sem cabelo, mas cheia de tatuagens na "careca", ela não tinha vergonha de nada. "As tatuagens não escondiam a doença, mas tirava a aparência triste que o tratamento deixa", afirma Ana Cláudia.

Hoje, curada da doença, Belela se aplica a auto-injeção, que precisa tomar devido uma conseqüência do tratamento. A fabricação de hormônios do seu corpo não é normal, ela toma o hormônio do crescimento, para continuar se desenvolvendo e vivendo normalmente como outra adolescente de sua idade.

A novela

Quando estava finalizando o tratamento, coincidiu da atriz Clara Garcia, que havia respado o cabelo, ir visitar as crianças no hospital onde Belela se tratava. A atriz era quem havia influenciado Belela a tatuar a cabeça. A menina chegou para a consulta tatuada como sempre. "Ela me viu toda tatuada com uma tiara na cabeça e se apaixonou, nosso encontro saiu até no jornal". Relembra a garota com muito orgulho

Mãe e filha voltaram para Uberaba, foi quando veio a grande surpresa. "Alguns dias depois que estávamos aqui na cidade, a Clara ligou, falando que a Glória Peres estava me convidando para fazer um papel na novela Pecado Capital. Eu fiz o primeiro capítulo em uma casa de apoio no Rio de Janeiro e voltei para Uberaba. Passaram-se alguns dias e a própria Glória Peres ligou perguntando se eu poderia fazer mais dois capítulos da novela. Participei do final da novela salvando a Vilminha que era interpretado pela Paloma Duarte.

A grande lição

Para a mãe, Ana Cláudia, foram várias as lições: o que é ser amigo, o que é passar por uma missão, o que é solidariedade, entre várias outras. "Não temos como escolher *o que* vamos passar, mas podemos escolher *como* vamos passar. Me falaram que Deus permite que estas coisas aconteçam com aqueles que ele mais ama e que quer junto dele, por que realmente a gente gruda e não esquece um minuto que ele existe", conclui.

Hoje, curada da doença, precisa apenas tomar alguns cuidados devido ao tratamento

issuu-downloader.com

Sociedade

Apae luta contra o preconceito

Inclusão social é a meta que a instituição pretende alcançar

André Teixeira Nunes
6º período de Jornalismo

Neste ano a Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Uberaba pretende interligar alunos de uma escola da rede particular de ensino com seus alunos, praticando as mesmas atividades e, possivelmente, fazer apresentações diversas pela cidade. A intenção é desenvoler com os portadores de deficiência o jogo de capoeira e maculelê e dança de bastões, que simboliza a luta de guerreiros para defender a tribo. Este é o passo para a entidade trabalhar ainda mais a integração dos portadores de deficiência à sociedade.

Há 29 anos a Apae presta serviços a um importante segmento da população de Uberaba. São anos de comprometimento, paciência, dificuldade e, principalmente, luta. Mas, nunca faltou esperança e alegria para a superação dos problemas vividos pela comunidade. A maior batalha dos deficientes é contra o preconceito e para que sejam vistos como iguais.

Para isto, a entidade realiza diversos trabalhos com os portadores de necessidades especiais. Ali, a palavra exclusão não existe. A luta é pela inclusão social, mas todo o trabalho depende de voluntários. Para isso, a Apae criou uma campanha intitulada "Fazer inclusão social é excepcional – seja voluntário", objetivando atrair pessoas que possam colaborar. A comunidade tem correspondido ao chamamento. Um dos exemplos parte dos universitários do curso de Fisioterapia.

fotos: André Teixeira Nunes

Fisioterapia ajuda na recuperação

Alunos voluntários

Eles atuam como voluntários na Apae, numa espécie de estágio. Segundo Gustavo Abranhão, o trabalho envolve a parte ambulatorial com enfoque em pediatria. Seis alunos trabalham pela manhã, e seis à tarde, sob a supervisão dos professores. Abranhão explica que os alunos são levados das salas para as clínicas onde é observada a capacidade motora de cada um. Com base nisso, é determinado o tratamento necessário. "Mas a maioria dos pacientes não têm um bom prognóstico, especialmente aqueles mais velhos ou os que têm debilidades respiratórias. Porém, na medida do possível, é feito um trabalho que visa a melhoria da qualidade de vida. Há também, aqueles pacientes que têm prognósticos melhores, como os portadores da Síndrome de Down e os que têm atraso de desenvolvimento neuro-psicomotor", observa Gustavo.

Segundo ele, o convênio entre a **Universidade de Uberaba** e a Apae vai completar um ano e tem favorecido os acadêmicos.

Salas são divididas de acordo com o grau de deficiência

Inclusão Social

Segundo a presidente da Apae Ida Aranha Borges, a instituição tem trabalhado muito a inclusão familiar, escolar e profissional. "Temos conseguido, logicamente num processo lento, encaminhar os alunos para a família, à escola regular e ao mercado de trabalho. A associação firmou, recentemente, um convênio com a rede de comida fast food Habib's. Um dos alunos está estagiando na empresa recebendo um salário mínimo, vale transporte, alimentação e a Apae acompanha o estágio. No final de seis meses o aluno será contratado e passará a fazer parte do grupo de funcionários". Ela destaca que o estagiário e ex-aluno Laurindo Cassimiro Dias tem os mesmos direitos e deveres de todos e que vêm se destacando entre os demais funcionários.

A Apae acredita que o aprimoramento da qualidade do ensino regular e a adoção de princípios educacionais válidos para todos os alunos, resultarão naturalmente na inclusão escolar dos deficientes. Em consequência, a educação especial poderá adquirir uma nova significação, tornando-se uma modalidade de ensino destinada não apenas a um grupo exclusivo de alunos, mas especializada e dedicada à pesquisa e ao desenvolvimento de novas maneiras de se ensinar.

A Apae de Uberaba é formada por uma equipe homogênia em que cada integrante têm a sua função, que é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, e cada peça precisa estar em total harmonia com o restante do grupo.

Os trabalhos não param

Segundo a professora Jane Rose Brito de Carvalho, a aprendizagem com esse tipo de aluno é a longo prazo, em todos os sentidos. Os alunos que mostram maior dificuldade de alfabetização e não conseguem ir adiante no aprendizado, são mais aproveitados nas oficinas. Trabalhando com madeiras eles fazem diversas peças artesanais, que são vendidas para micro empresas e perfumarias, por exemplo. Existem, também, as pré-oficinas que trabalham com materiais reciclados nas quais os alunos fazem embalagens de papel micro ondulado e outros produtos.

Jane Brito explica que as salas são divididas por idade e patologias. "No meu caso, trabalho com a primeira turma na salinha de estimulação essencial. O trabalho é feito com os bebês. Essas crianças são estimuladas e de acordo com o desenvolvimento de cada uma, quando elas começam a andar e a falar, passam para a sala seguinte. Esse trabalho é feito diretamente ligado à parte clínica, com acompanhamento de fisioterapeutas e fonoaudiólogos. Mas o tempo é curto para atender a grande demanda", explicou.

Método de Ensino

Ao iniciar o trabalho com portadores de necessidades especiais, a primeira preocupação é a forma de adequar os trabalhos às limitações dos alunos. No processo de aprendizagem o aluno desenvolve habilidades através de um treinamento cadenciado, de acordo com o desenvolvimento motor. O método de ensino é caracterizado basicamente por repetições de exercícios. Aos poucos, vai sendo iniciada uma fase de valorização das capacidades de cada indivíduo, e mais importante que a execução correta de um exercício é a disposição para fazê-lo.

Satisfação

Dona Imaculada Conceição Buriti, mãe do aluno Marcos Vinícios, de 4 anos, reconhece o trabalho que é feito pelos profissionais da instituição. "Meu filho é portador da síndrome de Down e graças ao trabalho

issuu-downloader.com

Antônio, ao lado do professor de Educação Física, mostra que é recordista em ganhar medalhas

da Apae, têm tido uma excelente evolução. Antes ele não falava nada, agora, já está começando a falar algumas palavras."

Assistência Médica

O coordenador clínico Alex Abadio Ferreira diz que o trabalho da área clínica funciona em partes. A Apae dispõe de uma área completa de fisioterapia, fonoaudiologia, assistente social, medicina, psiquiatria, pediatria, terapia ocupacional, odontologia e enfermagem. É uma equipe multidisciplinar. Segundo ele, o portador de deficiência não pode ser acompanhado somente por determinada área. O trabalho é em equipe e tem que ser feito com harmonia, de forma sincronizada. Nada é fragmentado. Todas as áreas são interdependentes, um depende do serviço do outro para que se tenha uma continuidade no processo de ensino.

Classificação dos níveis de excepcionalidade

As deficiências dos alunos são classificadas em três níveis: severa, leve e moderada. A severa é detectada em pacientes com pouca motricidade, que vivem acamados,e mesmo assim apresentam alguma potencialidade que na medida do possível, são exploradas. Na leve e na moderada, são feitos trabalhos elaborados, pois são alunos capazes. Em seguida, são encaminhados para o ensino regular e para o mercado de trabalho.

Processo de recuperação

O processo de recuperação depende primeiramente do quadro do paciente. Em seguida, da equipe que vai trabalhar os alunos. Porém, para a reabilitação, é fundamental a colaboração da família.

Quando a deficiência atinge um grau elevado, o trabalho é feito para melhorar ou pelo menos para diminuir a gravidade. Mas quando o caso é menos grave a possibilidade de uma reabilitação mais rápida, é maior.

Novos alunos

Todo aluno que chega à Apae passa, primeiramente, por uma triagem. Quando os problemas individuais são detectados, o atendimento é feito em cima das necessidades. "O nosso objetivo é melhorar a qualidade de vida do paciente, torná-lo o mais independente possível, para que possa realizar as atividades da vida diária como uma pessoa normal", explica Alex Abadio.

Deficiência física: a luta para se locomover

Barreiras arquitetônicas e falta de solidariedade impedem o acesso em vários locais

Claudinei Honório
6° período de Jornalismo

Uma das maiores dificuldades que os deficientes físicos enfrentam é a maneira de se locomover sem depender das pessoas. Eles buscam uma liberdade que muitas vezes não está ao alcance, como por exemplo, o difícil acesso a determinados locais como prédios sem elevadores, banheiros não adaptados e transporte coletivo sem elevadores adaptados.

Alguns carros fazem da rampa para deficientes local para estacionar

A cidade de Uberaba vem se conscientizando e mostra que está preocupada em auxiliar os portadores de deficiências físicas. As praças e calçadas da cidade já contam com rampas para que os paraplégicos possam se locomover com maior facilidade. Mas mesmo assim eles ainda encontram barreiras, uma vez que, alguns carros fazem da rampa para deficientes local para estacionar. É importante lembrar que os deficientes tem em seu caminho, barreiras arquitetônicas. Sendo que esta não prejudica apenas o deficiente físico, mas também o visual. Sem esses recursos, o indivíduo que sofre esse problema fica impossibilitado de sair às ruas, uma vez que nada indica sua localização no espaço, pois os sinais de trânsito são apenas visuais e os pontos de ônibus não oferecem leitura de braile.

"Não existe solidariedade do cobrador para ajudar a pessoa a entrar no ônibus"

Em Uberaba as coisas já estão mudando. Alguns bares da cidade, já contam com o acesso para pessoas especiais, o que facilita o convívio social de muitos destes deficientes.

Poliana Fátima de Souza, 15, paraplégica desde os quatro anos, explica que é impossível um deficiente físico se locomover em Uberaba se ele depende do transporte coletivo. "Não existe solidariedade do cobrador para ajudar a pessoa a entrar no ônibus". Poliana reclama dos taxistas da cidade. Segundo ela, eles não gostam de carregar uma pessoa deficiente com medo que a cadeira de rodas arranhe ou amasse seu carro.

Adefu, (Associação de Deficientes Físicos de Uberaba), que em parceria com a prefeitura municipal e com a Universidade de Uberaba esta desenvolvendo um trabalho de educação em que os deficientes participam do projeto "Acertando o Passo". O programa visa regularizar o grau de estudos destas pessoas, além de oferecer aulas esportivas e sessões de fisioterapia. A Universidade de Uberaba disponibiliza salas e equipamentos para que seja prestada assistência fisioterápica.

Poliana não se intimida, e manda um recado, "a cadeira de rodas é a perna do deficiente, por isso os motoristas não devem deixar os seus carros estacionados nestas rampas", conclui.

issuu-downloader.com

Galeria de Arte

Esse desenho foi produzido em atividade de sala de aula da professora Irene, para alunos do 1º período de Comunicação Social. A idéia era expressar os sentimentos em efervecência com o início da vida universitária. Valéria, a autora da caricatura, mora em Araxá e viaja todos os dias de ônibus para assistir às aulas. Essa moça aí na janela é ela. Sobre a mensagem manuscrita, é que ela consegue escrever assim de trás pra frente mesmo!

issuu-downloader.com